

# Otávio, Provocador de Encontros<sup>1</sup>

*Leila Amaral\**

## Resumo

---

Este texto refere-se ao depoimento da profa. Leila Amaral sobre a postura intelectual do prof. Otávio Velho, durante o tempo em que foi sua aluna no PPGAS, no Museu Nacional da UFRJ. Destaca o esforço do prof. Otávio, junto a seus alunos, para fazer emergir um pensamento antropológico que se constitua no “diálogo”. A postura intelectual desse professor, divorciada de qualquer modelo teórico entendido como sistema fixo de pensamento, leva-o a explorar um tipo de pensamento antropológico que permite que o próprio universo investigado se posicione na “conversa” sobre as questões centrais de sua época. Sugere usar experimentalmente outras epistemologias para interrogar a sua e a de outras sociedades, como pode ser o caso das epistemologias religiosas, no campo das ciências da religião.

---

**Palavras-chave:** *Otávio Velho, depoimento, antropologia, diálogo.*

---

## Abstract

---

This text refers to Leila Amaral's declaration about the intellectual posture of professor Otávio Velho, during the period that she was his student in the PPGAS (Postgraduate Program in Social Anthropology), in the National Museum of the UFRJ (Federal University of

---

\* Antropóloga, doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ, Professora colaboradora do PPCIR/UFJF.

<sup>1</sup> Registro do depoimento apresentado no encontro com os alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UFJF, no encerramento do curso: “O pensamento antropológico de Otávio Velho sobre a religião” da disciplina “Fundamentos Teóricos de Antropologia da Religião”, ministrada pelo professor Marcelo Camurça, no dia 29 de junho de 2005.

Rio de Janeiro). It highlights the efforts of professor Otávio to get his students to produce an anthropological line of thought which is constituted in “dialogue”. This professor’s intellectual posture, unrelated to any theoretical model held to be a fixed system of thought, leads him to explore a type of anthropological thought which allows the universe itself that is under investigation to position itself in the “conversation” about the central questions of its age. He suggests using other epistemologies experimentally to question its own and that of other societies, as may be the case with religious epistemologies, in the field of religious sciences.

---

**Keywords:** *Otávio Velho, report, anthropology, dialog.*

---

Agradeço ao Marcelo e a vocês, seus alunos da pós-graduação em Ciências da Religião, por esse convite. Não é tarefa fácil apresentar-lhes um depoimento sobre a contribuição de Otávio Velho em minha formação de antropóloga, mas faço-a com o empenho e a motivação de quem encontrou, na postura intelectual desse professor, inspiração cotidiana para o trabalho, não apenas de pesquisadora, mas, principalmente, de professora e orientadora. Foi pensando em vocês, também como professores, que resolvi escolher uma entre as múltiplas facetas desse meu encontro com o Otávio, a de professor.

Encontrei Otávio por intermédio de Pierre Sanchis. Dois pensadores com estilos diferentes que me fizeram envolver com a Antropologia e a tomar consciência do “fazer” que lhe é próprio. Dois orientadores na arte do encontro. Quando fazia minha pesquisa de campo no Jequitinhonha, sob a orientação de Pierre, fui apresentada ao Otávio. Lendo seu livro “Capitalismo Autoritário e Campesinato”<sup>2</sup>, já na elaboração da conclusão de minha dissertação de mestrado, fui capaz de entender minha própria argumentação e, assim, *a posteriori*, junto com Otávio e seu conceito de “cultura bíblica”, reencontro os meus cortadores de cana do Jequitinhonha.

Mas não escolhi focalizar conceitos e teorias bem sistematizadas para lhes falar, hoje, sobre o Professor Otávio.

---

<sup>2</sup> Otávio Guilherme VELHO, *Capitalismo autoritário e campesinato*; id.: *O cativo da Besta-Fera*.

Durante o curso do Marcelo, vocês já tiveram a oportunidade de explorá-los e, provavelmente, puderam perceber que não se trata de um raciocínio linear, fechado ou circunscrito em uma única chave explicativa que, uma vez tornada pública ou legitimada no ambiente da academia, resiste a mudanças, reifica-se ou naturaliza-se. O que eu gostaria de enfatizar é a postura do Otávio orientador, expressão de sua maneira de explorar o pensamento e de nos fazer pensar. E pensar implica, sempre, em um esforço ‘doloroso’, às vezes sacrificial, de desestabilizar conceitos e teorias bem sistematizadas. Vem daí a angústia da qual eu era tomada nas minhas infundáveis viagens do Rio para Juiz de Fora. Voltava cheia de pensamentos exaltados, desconfiando das antigas certezas e deixando aflorar novas perguntas, fazendo voltinhas nos argumentos, não para torná-los incompreensíveis para um futuro leitor, mas para que eu mesma pudesse perceber sua complexidade, riqueza, ambigüidade, sutileza e, principalmente, sua capacidade de gerar novos problemas e novos argumentos.

Mas pensar é, por sua vez, mais do que pensar sobre; é *pensar com*.

Poderia recordar aqui os diversos prismas da personalidade intelectual de Otávio que me incentivaram no trabalho e na reflexão antropológica, proporcionando-me o prazer pela busca diária de novos *insights* e levando-me às muitas “angústias produtivas”, após cada aula ou encontro no Museu Nacional. Mas colocarei o foco sobre o Otávio provocador de encontros, aquele que aproxima as pessoas transformando suas conversas corriqueiras em discussões densas.<sup>3</sup>

Não me lembro de ter-me sentado à mesa de Otávio para discutir minuciosamente um texto que havia escrito e estabelecer metas ou cronogramas. Não era assim que funcionava. Ele colocava-me em situações provocativas. Assim, quando, por exemplo, apresentava-me muito positivista,

---

<sup>3</sup> Na época do doutorado, encontramos-nos com Marcelo Camurça, Carlos Steil, Vital, Luiz, Wilson, Jacqueline, Lúcia Arraes, Vitória Perez, Amim Geiger e, mais tarde, com Emerson Giumbeli e Carlos Afonso.

durkheimiana, objetivista e racionalista, Otávio punha-me em debate com um dos colegas que possuía uma perspectiva inversa, naquele momento. Motivada a manter minha posição, procurava preparar-me melhor para um segundo *round* e acabava, sem deixar de entender as premissas que sustentavam os meus teóricos prediletos, contaminando-me pelas exposições do colega e daqueles que se envolviam no debate. O oposto também ocorria.

Se havia algum evento, muitas vezes com um público diferente ao do Museu, sobre questões que poderiam interessar-me e em que o Otávio estaria presente, ele convidava-me a participar. Sem combinarmos nada com antecedência, eu era colocada frente à frente com suas questões e com a reação do público a elas e, neste momento, sem recuos, minha posição também deveria se fazer presente, *no* debate. Com esta mesma dinâmica, acabamos dando em conjunto um curso no Museu Nacional.

A preocupação de Otávio era a de colocar-nos em contato com as questões, as mais heterodoxas, que vinham de todas as direções. Independentemente de onde viessem, elas deveriam ser tomadas a sério. Cabia a nós alcançar a densidade de seus “significados” e dependia do grau de nossa capacidade crítica a possibilidade de desnaturalizar as “verdades”, não nos importando com o lugar de onde eram proferidas. Sofrimento à parte, o confronto no qual ele nos colocava era a precondição para aguçar essa nossa capacidade e sensibilidade intelectual. Além do mais, não estávamos sozinhos. Em meio à tempestade e ao tormento, tínhamos os colegas em franco debate, suportando e compartilhando dúvidas e *insights* preciosos.

Ainda em formação e fervorosos em relação ao olhar oferecido pela Antropologia no ápice de seu sucesso de público, fomos confrontados com a Teologia de Milbank. Passamos a pensar as Ciências Sociais e o princípio do relativismo cultural da Antropologia com as críticas agudas levantadas por esse teólogo. Enfrentávamos polêmicas quase todas as semanas e, muitas vezes, chegávamos a pensar que estávamos sendo contaminados por um “tormento” antropológico-teológico pelo qual Otávio poderia estar passando.

Eu, particularmente, considerava-me realmente atormentada. Em seguida, veio o incentivo de Otávio para que eu conseguisse a Bolsa Sanduíche e, assim, deu-se meu encontro com o Paul Heelas, meu orientador inglês para a Nova Era. Paul Heelas, excelente sociólogo, me fez voltar, depois de Milbank, às questões clássicas de uma sociologia durkheimiana (da qual continuo sendo devedora). Mas como não tinha ficado imune aos “tormentos produtivos” que me foram colocados por Otávio e nosso grupo, vocês já podem desconfiar que uma nova experiência desestabilizadora tomou conta de mim na Inglaterra. Novas decisões. Qual antropologia eu queria fazer, afinal? Conheci alguns filósofos e teólogos que me reaproximavam de questões mais sintonizadas com as discussões que tive junto ao grupo do Otávio e, ao mesmo tempo, confrontava-me semanalmente com a objetividade sociológica do Paul Heelas. Se eu conseguia com os outros a facilidade de compreender e de me fazer compreender era com o Heelas que eu precisava de me esforçar, num debate cotidiano. Meus argumentos tinham que ter força demonstrativa para ele, para que nossa comunicação pudesse continuar. O que eu quero dizer com isso é que Otávio colocou-me *no risco que é o “diálogo”*, num momento em que eu não contava com o suporte emocional e intelectual do nosso grupo de colegas. Situação semelhante, aliás, com a de qualquer antropólogo em campo.

Se a orientação do Otávio foi assim heterodoxa e “desestabilizante”, é porque correspondia a uma postura intelectual determinada a divorciar-se de qualquer modelo teórico entendido como sistema fixo de pensamento, quando perspectivas e abordagens tendem a se tornar um modelo generalizado de normatização. Nesta sua postura, que se expressa tanto em suas estratégias de professor como em seus escritos<sup>4</sup>,

---

<sup>4</sup> Para a conversa de hoje, estou tomando como fonte de referência, especialmente, os textos O Que a Religião pode fazer pelas Ciências Sociais. *Religião & Sociedade*, vol. 19, nº. 1, 1998, 9-17 e Relativizando o Relativismo. In: BOMENY, Helena; BIRMAN, Patrícia (org). *As Assim Chamadas Ciências Sociais: formação do Cientista Social no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1991, para mostrar a coerência da postura intelectual do professor-orientador Otávio Velho com a do escritor Otávio Velho.

destaco uma luta contra o fundamentalismo disciplinar; uma exigência para desestabilizar conceitos, a partir de suas premissas, quando eles tendem a produzir discursos mistificadores, e um esforço para não reificar oposições como, por exemplo, a oposição entre nativos e não nativos ou a oposição entre o conhecimento objetivo e reflexivo (o do antropólogo) e o conhecimento prático (o do grupo estudado).<sup>5</sup>

Essa postura de Otávio é que o faz colocar-se e, pelo estilo de sua orientação, coloca-nos também em uma posição de diálogo. Diálogo num sentido amplo, por entre as diferentes perspectivas da Antropologia, mas, principalmente, fazendo-nos confrontar as premissas da Antropologia com um sistema de pensamento mais estendido: com a filosofia, a psicanálise e a teologia.

É isto o que Otávio mostra-nos em “Relativizando o Relativismo”, texto em que discute o conceito mais caro da Antropologia Moderna. Coloca em questão a premissa do relativismo de que “o excesso de valores e de convicções de nossa sociedade (moderna) é que conduz ao etnocentrismo, à intolerância e à não aceitação da diferença”.<sup>6</sup> A Antropologia, a partir dessa premissa, diz Otávio, produz um discurso que, apesar de sua visibilidade pública, “corre o risco de deixar de lado as questões centrais (ou mesmo, os “problemas”) de nossa época e de nossa sociedade”.<sup>7</sup> Para ele, ao contrário do excesso de valores e de convicções, existem muitos indícios que apontam para o fato de que a questão central de nossa época é a de uma “falta”. No caso, uma falta de sentido, uma escassez de valores e de convicções, traduzida, em diferentes discursos, como “vazio interior”, “isolamento” ou “insatisfação”.<sup>8</sup>

Todavia, falar em falta de sentido na sociedade contemporânea não é, necessariamente, falar que ela está em crise ou fracassada, mas que é uma sociedade que se instaura na

<sup>5</sup> Otávio VELHO, O Que a Religião pode fazer pelas Ciências Sociais?, p. 9-17.

<sup>6</sup> Otávio VELHO, Relativizando o Relativismo, p. 294.

<sup>7</sup> Ibid, p. 294.

<sup>8</sup> Ibid, p. 296.

esfera do “questionável virtual”, na e pela instabilidade e mobilidade, através de abalos, ajustamentos e deslocamentos e que se constitui, portanto, como uma sociedade da incerteza. É a “incerteza” e não o seu fracasso que faz parte da natureza de sua constituição. Sua ordenação simbólica não se faz a partir de significados recebidos ou de verdades reveladas por algum manto englobador, nem tampouco de uma concepção essencialista do significado, segundo a qual o significado pairando como “presença” sobre as coisas estaria “sempre lá” à espera de sua captura. Sua constituição se faz e se refaz através da consciência (ou experiência) da desconstrução e reconstrução permanentes dos significados e, portanto, de uma área de significação em aberto que nunca é inteiramente dominada por nenhum poder.

Se, falamos em crise de sentido na sociedade contemporânea, deveríamos acrescentar que se trata de uma crise que é, paradoxalmente, produtiva e criadora. A consciência (ou experiência) da falta impele buscas de sentido e de valores (no plural), nas quais os diferentes grupos e categorias sociais, por entre os diversos domínios, fenômenos e universos investigados, encontram-se empenhados.

Segue daí, um terceiro aspecto que apreendemos da postura intelectual de Otávio ao colocar-nos frente a múltiplas interlocuções. Pensamos *com* o universo investigado e não apenas *sobre* o universo investigado. Esforçamo-nos para fazer com que o universo investigado possa vir a colocar-se também na “conversa” sobre as questões centrais de nossa época e sociedade. Nesse caso, o interesse recai mais no domínio do símbolo do que no domínio do signo, isto é, recai no discurso sobre a procura da parte que falta, o que é, em outras palavras, uma busca de sentido. É o domínio do símbolo que pode nos levar, mesmo quando se trata do universo particular de nosso estudo, às grandes questões culturais, aos temas quentes da sociedade, àquilo que aí ainda permanece insólito e não assimilável pela ótica de uma explicação que generaliza e homogeneiza.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Ibid, p. 300.

O que podemos supor que Otávio nos diria sobre o tipo de estudo que pouco contribuiria para esse debate geral sobre valores? Talvez, ele nos dissesse que são aqueles que se restringem a fazer demonstrações das pequenas diferenças do universo estudado, no estreito círculo dos estilos de vida, ou aqueles que se prendem a elogios de um particularismo generalizado, numa valorização extrema do cotidiano. No seu texto “Relativizando o Relativismo”, Otávio diz que, se for assim, corre-se o risco de potencializar os efeitos dos diversos fundamentalismos ao estimular a criação de um universo de mônadas, entre as quais não se estabelecem regras de convivência e transformação<sup>10</sup>. Ele está chamando nossa atenção para o fato de que os conceitos não têm apenas uma eficácia acadêmica, mas, também produzem efeitos sociais para os quais devemos estar atentos. Está chamando nossa atenção para os efeitos perversos do conceito de “relativismo” e de seu corolário, o da “diferença”, e procura incentivar-nos a buscar conceitos alternativos que possam ter outros efeitos sociais, no sentido de estimular e promover a crença na comunicação. É isto o que ele faz, por exemplo, em seu diálogo com Obeyesekere e Sahlins<sup>11</sup>, para propor o conceito de “semelhança” como uma alternativa tanto ao conceito de “diferença” quanto ao de “identidade”. Marcelo Camurça, que também foi seu orientando, apresentou um conceito que considero muito produtivo nessa direção, o de “interpelações mútuas”, para sugerir uma relação possível de diálogo entre Catolicismo e Nova Era.<sup>12</sup>

Qual é, portanto, a estratégia que podemos apreender dessa postura intelectual, para realizar um trabalho interpretativo numa direção dialógica?

Otávio salienta o sentido forte de “tradução”, justificando-a em termos pós-relativistas: “uma via de mão dupla em que aquilo que é traduzido afeta a linguagem para qual é

---

<sup>10</sup>Ibid, p. 301.

<sup>11</sup> Otávio VELHO, *Globalização: Antropologia e Religião*.

<sup>12</sup> Marcelo CAMURÇA, *Sombras na Catedral: New Age na Igreja Católica e o Holismo da Teologia de Leonardo Boff e Frei Betto*, p. 85-125.

traduzido e é afetado (tal como no caso observado na mecânica quântica) pela tradução. E aí estaria sugerida uma postura distante igualmente da objetificação forte e do tornar-se nativo”.<sup>13</sup>

Se a tradução é afetada por aquilo que é traduzido, isto significa que o “nativo” tem algo a dizer. Portanto, “deixar-se afetar pelo nativo pressupõe que ele/ela tenha algo a ensinar. Não apenas sobre ele mesmo, mas sobre nós. Como se esse nativo ajudasse, seguindo a linha de Bateson, a nos revelar no interior de um metapadrão de que fazemos igualmente parte”.<sup>14</sup> Tal postura requer uma mudança de direção de um reconhecimento relativista da diferença (no sentido de seu congelamento e absolutização) para o reconhecimento de um forte “desejo de semelhança” que se afasta tanto do sentido de oposição quanto do sentido de identificação para sugerir uma proximidade que permite a comunicação ao invés de dificultá-la.

É assim que Otávio, em “O que a Religião pode fazer pelas Ciências Sociais”, sugere a nós sociólogos a acreditar “caridosamente” que os movimentos que estudamos (os religiosos, por exemplo, e mesmo aqueles que ainda não foram enobrecidos ou tornados familiarizados pelo tempo de seu estudo) “não só podem comunicar algo sobre si, mas têm algo também a nos dizer sobre nós mesmos”.<sup>15</sup> Para alcançar tal postura “caridosamente comunicativa”, requer-se o descongelamento das diferenças entre “nós” e os “outros”, assumindo-se o conceito de “semelhança” e admitindo-se que todos os lados envolvidos na comunicação podem mover-se.

Com sua estratégia de orientador provocador de encontros, Otávio está nos dizendo que os antropólogos podem, sem deixar de sê-lo, usar experimentalmente outras epistemologias para interrogar a sua e a de outras sociedades.

---

<sup>13</sup> Otávio VELHO, O Que a Religião pode fazer pelas Ciências Sociais?, p. II.

<sup>14</sup> Ibid, p. 12.

<sup>15</sup> Ibid, p. 12.

Chegamos, assim, a um debate que interessa de perto às Ciências da Religião se, junto com o professor Otávio, apostarmos na produtividade de um diálogo mais amplo com as religiões e considerarmos que a Religião apresenta-se como um lugar central para refletir sobre as grandes questões de nossa época, para tornar mais complexas as nossas discussões sobre a nossa sociedade, num momento de profunda mudança de paradigma societário.

## Bibliografia

- CAMURÇA, Marcelo. Sombras na catedral: New Age na Igreja Católica e o holismo da teologia de Leonardo Boff e Frei Betto. In: *Numen*, v. 1, n. 1, jul-dez 1998, p. 85-125.
- VELHO, Otávio Guilherme. *Capitalismo autoritário e campesinato*. São Paulo-Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.
- \_\_\_\_\_. Globalização: Antropologia e religião. In: ORO, Pedro Ari; STEIL, Carlos Alberto. *Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- \_\_\_\_\_. O cativo da Besta-Fera. In: *Besta-Fera: A Recriação do Mundo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- \_\_\_\_\_. O que a religião pode fazer pelas Ciências Sociais?. *Religião & Sociedade*, v. 10, n.º. 1, 1998.
- \_\_\_\_\_. Relativizando o relativismo. In: BOMENY, Helena e BIRMAN, Patrícia (org). *As assim chamadas ciências sociais: formação do cientista social no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1991.